

Stadium

N.º 146 * 19 DE SETEMBRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



FRANCISCO BASTOS

atleta brilhante, que foi alvo das maiores ovações durante a disputa do III PORTUGAL-ESPANHA

Os atletas portugueses

conquistaram com brilho a vitória no III «match» contra a Espanha

Crónica do dr. SALAZAR CARREIRA

ESCREVO ainda vibrando de emoção pelas inolvidáveis provas de sábado e domingo, no estádio do Lumiar. Porque ganhámos o encontro? Sim, em parte, evidentemente, como português e como desportista, mas muito ainda também pela própria beleza das lutas, pelo valor afirmado pelos nossos campeões—há vencer e vencer—pelo interesse do público e pelo seu delirante entusiasmo. Em resumo: porque, sobretudo, foi o atletismo em si próprio o grande triunfador da jornada.

Comentarei, com a reflexão que só o tempo nos traz, o significado desta competição, os seus ensinamentos em vários aspectos; mas desde já afirmo, como primeira conclusão, que nunca possuímos tão elevado nível na modalidade—dispondo de homens com classe internacional, que é indispensável preparar com cuidado para os próximos Jogos Olímpicos, onde o nosso atletismo ganhou jus a uma representação mais larga, sem favor.

A nitidez da vitória da equipa portuguesa não deixa lugar a dúvidas e responde eloquentemente às profecias aziagas de um ou outro derrotista ocasional. Mas não nos deixemos iludir por ela, supondo que traduz com exactidão a diferença existente entre o atletismo português e o atletismo espanhol.

A representação da nação vizinha veio até nós muito desfalcada, fazendo alarde de tal espírito desportivo e despreocupação pelas consequências do encontro, que melhor desmentido não conseguiriam trazer aos que atribuíam ao receio da derrota anteriores contratempos.

Os dirigentes do atletismo espanhol provaram, com exuberância, o desportivismo da sua acção e o sincero espírito de camaradagem e apreço que os aproxima do atletismo português.

Ficou já fixado para o ano o quarto encontro Portugal-Espanha, que terá lugar provavelmente em Barcelona, em princípio de Agosto, quinze dias depois dos Nacionais, que se disputarão na mesma data nos dois países. Preparemo-nos cuidadosamente, sem dormir sobre os louros, porque—não nos iludamos—a tarefa vai ser muito mais difícil do que foi agora.

A primeira jornada

400 m. barreiras: 1.º Matos Fernandes (P.), 59,1 s.; 2.º Martins Vieira (P.), 59,5 s.; 3.º Gomez Cruza (E.), 1 m.; 4.º Serrano (E.), 1 m. 2,4 s.

Todos os participantes, emocionados pela responsabilidade inaugural, correram com excesso de nervos. Fernandes ganhou bem, mas não fez boa prova; a

partir da terceira barreira, talvez porque a chamada fosse feita demasiado longe do obstáculo, caiu sempre em desequilíbrio à retaguarda, marcando tempo de travagem visível.

Martins Vieira empenhou toda a sua alma de veterano lutador e conseguiu o seu melhor tempo da época.

Os espanhóis foram sempre dominados, embora Cruza procurasse resistir até à sexta barreira. Os quatro homens terminaram extenuados, derrubando todos o último obstáculo.

Lançamento do disco: 1.º José Torres (E.), 41,02 m.; 2.º Manuel Silva (P.), 38,82 m.; 3.º Emídio Ruivo (P.), 37,46 m.; 4.º Ernesto Pons (E.), 31,36 m.

O espanhol Torres, que obteve a sua melhor marca, tem bom golpe de braço, muito bem ligado com a volta no círculo; não me parece vantajosa a troca final de pés, executada precipitadamente em relação ao disparo do disco.

Manuel Silva, pior ainda do que costuma na sua desequilibrada evolução no círculo e prejudicado pela altura exagerada da trajectória do disco. Não se concebe que um atleta trabalhador e voluntarioso, como o nosso campeão nacional, não tenha conseguido, em três anos de prática, corrigir um defeito técnico averiguado desde a primeira hora.

Emídio Ruivo fez o habitual; é o melhor estilista dos quatro concorrentes, mas falta-lhe interesse para trabalhar com cuidado a sua preparação.

Ernesto Pons foi um lançador de recurso, para marcar um ponto, na falta do especialista.

800 metros: 1.º Francisco Bastos (P.), 1 m. 57,5 s., «record» nacional e ibérico; 2.º José Vicente (P.), 1 m. 59,4 s., segundo resultado português; 3.º José Petinto (E.), 2 m. 0,6 s.; 4.º Blanco, 2 m. 5,8 s.

Foi a melhor prova da jornada, que entusiasmos toda a assistência, a qual aclamou de pé os corredores durante toda a recta final. Bastos recebeu uma das maiores ovações registadas em campos de desporto.

Corrida emocionante, de princípio a fim: Petinto, como é seu hábito, porque sabe não dispor de ponta final, partiu muito rápido à cabeça, com Bastos na cola e Blanco à ilharga, diligenciando «fechar» o português. Percorram-se assim, em pelotão, quinhentos metros, e à entrada da última recta oposta Bastos ataca e passa entre os dois adversários, ganhando logo dois metros; com este súbito arranque Vicente descola—mas não desanima, recupera, e à entrada da última curva passa também os espanhóis, conquistando com muito merecimento o segundo lugar, que Petinto lhe disputou até à meta.

Os dois portugueses foram depois da prova felicitados, no seu

camarote, pelo sr. prof. dr. Amorim Ferreira, sub-secretário de Estado da Educação Nacional—felicitações merecidas, porque haviam triunfado numa das melhores corridas disputadas desde sempre em pistas portuguesas.

Salto à vara: 1.º Montalvão Fernandes (P.), 3,55 m., novo «record» do Norte; 2.º Santos Vieira (P.), 3,30 m.; 3.º Consegal (E.), 3,20 m.; 4.º Ralló (E.), 3,20 m.

A dupla vitória portuguesa era esperada, porque os espanhóis mostraram-se sempre inferiores a nós nesta especialidade, que ganhámos nas três competições internacionais disputadas.

Santos Vieira acusou ainda os efeitos do acidente sofrido nos Nacionais e esteve inferior ao que vale; corrida lenta e incerta, e conseqüente dificuldade na elevação.

Montalvão, decidido e rápido, ganhou muito bem; tentou 3,71 m. mas nenhum dos ensaios deu sequer a ilusão de possibilidade.

Considero irregular a autorização do juiz árbitro, que consentiu esta tentativa a 3,71 m.; fora anunciado que a barra subiria de cinco em cinco centímetros e nada permitia alterar o ritmo estabelecido, além do que não me parece honesto permitir que se ataque por um centímetro um «record» nacional, com medições avaliadas a olho, do alto de um escadote, sem prumo na regra graduada nem contraprova na horizontalidade da barra.

200 metros: 1.º Sampaio Peixoto (P.), 22,3 s.; 2.º Manuel Nuncio (P.), 23 s.; 3.º Portela (E.), 23,6 s.; 4.º Herédia (E.), 23,7 s.

Peixoto ganhou como grande campeão, impressionante de poder e de velocidade inicial. Se houvesse lutado até à meta, teria batido o «record» nacional. Nuncio também diminuiu de andamento nos metros finais, contentando-se com a posição assegurada.

Salto em comprimento: 1.º Edgard Tamegão (P.), 6,965 m.; 2.º Alvaro Dias (P.), 6,79 m.; 3.º Bayo (E.), 6,37 m. Guttierrez não se classificou, por pisar a marca nas três tentativas.

Os portugueses ganharam com o seu primeiro salto; Tamegão foi nitidamente melhor, com dois outros saltos de 6,91 m. e 6,80 m. Alvaro Dias deu a impressão de fatigado, lento na corrida e apático no salto; desde que pratica a modalidade, foi esta a sua primeira derrota.

5.000 metros: 1.º João Silva (P.), 15 m. 42,7 s.; 2.º Afonso Marques (P.), 15 m. 45,3 s.; 3.º Rojo (E.), 16 m. 57,1 s.; 4.º Cassart (E.), 17 m. 13 s.

À terceira das 12 voltas do percurso, Rojo estava descolado; Cassart tentou tomar a cabeça para abrandar a marcha, mas Marques não consentiu e a competição ficou resolvida.

Os corredores espanhóis valem, com certeza, mais do que fizeram. Rojo pode desculpar-se com a hemorragia nasal, que lhe sobreveio alguns minutos antes da prova e se reproduziu mal começou correndo.

Os portugueses mostraram grande superioridade na pista,

mas não fizeram prova extraordinária. João Silva descolou o companheiro ao embalar, com a costumada decisão, nos 100 metros derradeiros.

Lançamento do dardo: 1.º Appellaniz (E.) 50,85 m.; 2.º Cadete (P.), 44,38 m.; 3.º Posuelo (E.), 44,12 m.; 4.º Barreiros Gomes (P.), 42,88 m.

Nem portugueses, nem espanhóis, possuem lançadores de classe comparável aos restantes especialistas. Appellaniz tem ótimo tiro, mas não sabe correr com o dardo nem executar a fase final dos passos cruzados de ligação para o lançamento; como é muito novo, devemos considerar as suas aptidões como indicação segura de possibilidades.

Esfleita 4 x 100 m.: 1.º Portugal (Paqueta, Eleuterio, Nuncio, Lourenço), 44 s.; 2.º Espanha (Ceballos, Heredia, Portela, Guttierrez), 45,3 s.

A corrida decidiu-se na primeira passagem, onde os espanhóis falharam absurdamente, por culpa de Heredia, que esperou o testemunho parado.

A equipa nacional não fez melhor tempo porque as duas primeiras passagens não deram o rendimento necessário; só a renúncia Nuncio-Lourenço foi primorosa.

Segunda jornada

Barreiras, 110 metros: 1.º Gomes Cruza (E.), 16,2 s.; 2.º F. Ferreira (P.), 16,4 s.; 3.º Martins Vieira (P.), 16,6 s.; 4.º Serrano.

Enorme desilusão portuguesa; hecatombe de derrubas nas barreiras, demonstrando o que em vão tenho dito, há tantos anos, sobre a irregularidade do modelo construído em Portugal. Cruza deitou abaixo os dez obstáculos, Vieira seis e Ferreira quatro!

Os especialistas portugueses falharam incompreensivelmente; Vieira pode invocar a atenuante dos seus exaustivos quatrocentos metros da véspera, mas ao campeão nacional nunca lhe vi fazer tão má prova, que lhe fez perder um título que bem merecia.

Cruza foi muito hábil; deve ter notado nos ensaios preparatórios a «fragilidade» das nossas barreiras e aproveitou o benefício para reduzir ao mínimo o esforço de elevação.

Salto em altura: 1.º Ernesto Pons (E.), 1,85 m.; 2.º João Durães e Matos Fernandes (P.), 1,80 m.; 4.º Martinez (E.), 1,80 m.

Esta prova motivou forte bronca, que ia estragando o magnífico ambiente de competição. O juiz árbitro, satisfazendo um pedido de Pons, que aliás a ninguém prejudicava, como se verificou, desviou a prova do seu local próprio para a caixa dos saltos em comprimento; discordo da decisão, mas sobretudo discordo da maneira impensada como foi posta em execução, com prévias e longas conferências no campo e demonstrações de aborrecimento dos saltadores nacionais, que não haviam sido prevenidos.

Acalmados os ânimos (o nosso bom público é sempre acolhedor e generoso), o concurso seguiu regularmente e ganhou o melhor; Durães e Matos conseguiram o seu melhor resultado da época, mas Pons possui excelente classe e uma especialização admirável. O seu golpe de tesoura horizon-

(Continua na página 15)

Há resposta para tudo...

P. 143 — Os jogos que o Benfica tem disputado contra clubes, mistos e seleções estrangeiras (incluindo grupos de Portugal Insular e das Colónias), resultado, data e local.
(De C. N. R., Um ferrenho benfiquista)

R. 143 — Vamos! Não exagere. A lista, além de oferecer pouco interesse, levaria todas as páginas da revista!!

P. 144 — Qual dos clubes portugueses tem mais campeonatos ganhos entre todas as modalidades?

P. 145 — Qual é melhor: Barrosa ou Moreira?

P. 146 — Qual o melhor na época passada: Gaspar Pinto ou Manuel Marques?

P. 147 — Quais dos grupos portugueses tem dado melhores elementos para as seleções nacionais?

P. 148 — Não terão notícias algumas de que Cabrita seja transferido para o Sporting? (De José Carlos Morais Paixão, da Guarda).

R. 144 — A pergunta está mal formulada. Se é o que penso, o Benfica.

R. 145 — Barrosa é mais jovem. Tem, evidentemente, mais futuro.

R. 146 — Manuel Marques.

R. 147 — Benfica e Sporting. O Porto também.

R. 148 — Deixe Cabrita tranquilo em Olhão.

P. 149 — Qual o melhor guarda-redes entre Capela, Rosa e Azevedo? E só entre Capela e Rosa?

P. 150 — Qual a linha que pratica melhor futebol? (De um semibrese desportista).

R. 149 — Azenedo; Capela.
R. 150 — A linha que pratica melhor futebol é aquela que ganha...

P. 151 — Qual será o clube que melhor pratica futebol em Portugal? (De Amadeu Ferreira, do Porto).

R. 151 — Para o adepto, o clube que pratica melhor futebol é sempre o seu próprio clube. Para nós, umas vezes o Sporting, outras o Benfica, lá uma vez por outra o Belenenses, e ainda de quando em quando o Porto.

P. 152 — Zamora não foi o capitão do team de Espanha, na primeira vez que jogámos contra aquele país? (De um velho futebolista, da Covilhã).

R. 152 — Não senhor... O capitão desse team de Espanha era Mariano Arrate, também famoso jogador.

P. 153 — Não é verdade ter-se-

SÓBRE O «TEAM» NACIONAL

O plano do seleccionador nos seus aspectos salientes

JA foi tornado público pelos jornais desportivos. O nosso camarada Tavares da Silva, seleccionador nacional, apresentará, segundo aquela notícia, um plano sobre a Secção Nacional de Futebol, com vista à próxima época e de repercussão futura. Logo a seguir, foram revelados os princípios básicos desse plano.

O trabalho de Tavares da Silva, certamente uma inovação no futebol português, está dividido em quatro capítulos. Mas nem as idéias são expostas exaustivamente, nem os factos muito pormenorizados. Sem dúvida, o seleccionador resolveu tão somente traçar um quadro geral da selecção, espécie de esquema, apontando princípios referentes à escolha dos jogadores, ao seu treino e adiestramento, e à plena organização do team nacional no duplo aspecto de valores individuais e no indispensável requisito de conjunto. Mas o que impressiona no plano apresentado é, sobretudo, e especialmente, a forma como ele procura integrar-se e influenciar na própria organização do jogo, procurando contribuir para o aperfeiçoamento e valorização de uma escola, e ainda no sector de aproveitamento de valores.

Os quatro capítulos do plano dizem respeito ao seguinte:

1. Considerações sobre o cargo de seleccionador e as condições em que Tavares da Silva tomou conta do cargo; ainda referências aos trabalhos de selecção, quanto à época finda, na sua breve preparação, na deslocação, propriamente quanto aos encontros da Corunha e de Basileia, e nas relações ligando dirigentes, seleccionados e jogadores.

2. Selecção nacional encarada como um problema científico, fundamental e permanente. Preconiza-se a adopção das seguintes medidas: existência de seleccionador permanente; nomeação de auxiliares do seleccionador em

várias terras, sobretudo naquelas de importância futebolística; assistência e cooperação dos seguintes elementos: treinador, massagista, médico e professor de gymnástica; exame atento do futebol de Lisboa, logicamente a base da selecção; contacto permanente entre seleccionador e treinadores dos clubes; organização de encontros preparatórios da selecção.

Este número, como os outros, de resto, é desenvolvido em alguns períodos de justificação. Está-se ainda no campo da teoria e é em seguida que se passará para a prática, deixando o problema de observar-se na sua abstracta concepção para se lhe dar execução e realidade, com todo um programa de medidas e trabalhos.

3. O seleccionador procura dar realização àquilo que ele julga ser a obra da Selecção Nacional, conciliando tanto quanto possível os objectivos do team nacional com as três competições que perfazem a época. Então surge a colaboração, no campo da prática, dos auxiliares, treinadores e dos outros elementos, adoptando-se certa mecânica de treinos e outras medidas tendentes aos fins em vista.

4. Trata-se de um capítulo que respeita ao aproveitamento de valores, especialmente na Província. Que, no fundo, é consequência do plano do Grupo Nacional.

O plano apresentado por Tavares da Silva, nosso querido companheiro de trabalho, deve ter sido já aprovado pela Federação de Futebol. Eis uma sugestão: não seria interessante que o referido trabalho fosse publicado na integra? Mesmo porque o seleccionador já por várias vezes emitiu lealmente a seguinte opinião: O team nacional é um problema que interessa a todos, e no qual todos, de boa vontade, podem trabalhar e auxiliar. Pela nossa parte, não deixaremos o assunto de mão.

Campeonato de Lisboa

O Campeonato de Lisboa começa no domingo, 30 de Setembro. O sorteio deu o seguinte resultado:

30 de Setembro: Belenenses-Estoril; C. U. F.-Atlético; Benfica-

realizado uma vez um Porto-Lisboa na Amadora? (De um apreciador de coisas antigas),

R. 153 — Foi em 28 de Janeiro de 1927, Lisboa venceu por 11-1.

154 — Qual será o guarda-redes nacional para a época de 1945-46? (De um sportingista, de Viana do Castelo).

R. 154 — O futuro a Deus pertence...

-Sporting—logo o «derby» a abrir...
7 de Outubro: Estoril-C. U. F.; Sporting-Belenenses; Atlético-Benfica.

14 de Outubro: Benfica-Estoril; C. U. F.-Belenenses; Sporting-Atlético.

21 de Outubro: Estoril-Atlético; Belenenses-Benfica; C. U. F.-Sporting.

28 de Outubro: Sporting-Estoril; Atlético-Belenenses; Benfica-C. U. F.

Eis a primeira volta. Os desafios realizam-se nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar. Na segunda volta, que se segue sem interrupções, domingo a domingo, os desafios disputam-se nos campos dos clubes referidos em último lugar.

CONTA-GOTAS

O professor Caeiro da Mata, illustre ministro da Educação Nacional, decidiu que o Congresso da Federação se realizasse até fins do corrente mês de Setembro.

A notícia despertou a mais viva curiosidade. Não tanto pelo regresso à normalidade, preconizada, de resto, em todos os sectores, mas por esta encantadora perspectiva: Enfim, uns senhores que nos fazem a birra de estar na Federação, vão-se embora...

Por que, esta animadversão contra uns homens que, há três anos consecutivos, em regime de Comissão Administrativa, se têm dado a uma obra de grande mérito, no futebol português, embora não isenta de erros, marcando a sua gerência uma fase de progresso e expansão do jogo?

Referimo-nos, sem dispor para os outros dirigentes, aos ataques que estão sofrendo dois homens, os srs. drs. Vergílio de Paula e Vicente de Melo, qualquer deles, no entanto, com obra valiosa, que se traduz em factos e não em palavras. Uma obra, mesmo, de projecção moral—pelos sacrifícios de carácter pessoal.

Lisboa, propondo-se tomar conjuntamente a governação federativa, traçou o seu programa sob bases que, justificadamente, estão a ser objecto de critica.

A Associação de Lisboa e alguns dos Grandes Clubes representam a força realmente poderosa do ataque àqueles federalistas.

Dizendo: Nós não concordamos com a orientação geral da C. A. da Federação...

Em consciência, estarão estes dirigentes convencidos que a sua orientação é aquela que todos os seus filiados desejariam?

Lisboa, apresentando uma lista, resumiu, por intermédio dos seus valores mais representativos, o seu programa:

Seus pontos principais: Domínio absoluto dentro da Federação—e política de concentração dos Campeonatos em Lisboa.

Tais directrizes, por injustas, e menosprezo do valor e das aspirações das Associações da Província, conduziram à elaboração de uma lista com propósitos de governação justa e equilibrada, visando o interesse de todos.

A Associação de Lisboa afirma: Queremos eleições livres...

Mas logo acrescenta: Queremos os três mais importantes lugares da Direcção para nós. E não saímos daqui...

O Congresso realiza-se no próximo dia 29. Regressamos, enfim, à normalidade...



ORLANDO DE SOUSA
Secretário-geral

ALBERTO DE BRITO
Presidente

Enã GOMES GASPAR
Tesoureiro

UMA REPORTAGEM

O leitor avalia o que vale a ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DO PORTO?

STADIUM dedica hoje uma página — uma das suas páginas de reportagem — a uma colectividade da capital do Norte, cuja acção e métodos de trabalho a classificam como paldino dedicado do futebol, o desporto popular por excelência. Entre as associações regionais congéneres, a Associação de Futebol do Porto marca uma posição de vulto no desporto português. Se não é a primeira, pode classificar-se, sem favor, antes por mero direito de justiça, como dos organismos desportivos mais importantes do País.

Quem, como nós, tiver percorrido as magníficas instalações da sede da A. F. P., observado o movimento constante da sua secretaria e colhido elementos estatísticos eloquentes acerca da sua actividade, pode afirmar, sem receio de exagero, que na cidade Invicta se trabalha dedicadamente pelo futebol nacional.

Satisfazendo a curiosidade do jornalista e atendendo muito amavelmente o representante da *Stadium*, o sr. Orlando de Sousa, secretário da direcção — um dirigente que, como Alberto de Brito, seu presidente, permanece orientando a A. F. P. há quatro anos sucessivos, o que é sintoma de plena aprovação da sua actividade por parte dos clubes filiados, em prémio do tacto com que têm pugnado pelos interesses do futebol portuense — o sr. Orlando de Sousa, dizíamos, quis ter a gentileza de nos pôr em contacto com a atmosfera de trabalho metódico que existe no seu «quartel general».

Não é fácil fazer uma ideia aproximada da azáfama que se desenvolve naquela casa da rua José Falcão. A organização criteriosa que existe ali salta à vista e da actividade permanente falam os números com eloquência. Na realidade, algumas associações — mas cremos que só a de Lisboa — podem apresentar movimento cujos números sejam mais expressivos. Todavia, em contra-partida, a maioria só pode totalizá-los em expressão sensivelmente mais baixa que os registados pela conhecida colectividade nortenha.

Em tempos, chegou a incutir-se no espírito do público o conceito do nivelamento desportivo das associações regionais da modalidade, equiparando a de Coimbra, e principalmente a de Braga, à da capital do Norte. A

verdade, porém, destroi os mais subtis argumentos e encarrega-se de os corrigir.

D: ano para ano, o número de clubes inscritos na associação portuense tem aumentado de modo considerável, a tal ponto que da época de 1943-1944 para a de 1944-1945 verificou-se o acréscimo de 24%. É interessante frisar que, enquanto se filiavam 64 clubes na A. F. P., em Lisboa, Braga e Coimbra não se ia além de 51, 17 e 11, respectivamente.

A prática do futebol na área abrangida pela Associação do Porto tem-se desenvolvido, em larga escala, por uma rede vasta de campos — 53, número já muito superior ao da Associação de Lisboa, que controla aproximadamente três dezenas.

Mas aqueles campos não estiveram desertos... Nada menos de 2.187 praticantes se exibiram em competições oficiais. Lá vimos os seus cadastros, em fichas cuidadas e inexcitavelmente catalogadas pelo sistema Roneodex. Mas é sobretudo pelo número de jogos efectuados que melhor pode avaliar-se a soma de energia desenvolvida pelos actuais dirigentes do futebol nortenho. Na realidade, 782 jogos em dez meses de actividade — houve domingos nos quais se marcaram 58 encontros! — é prova mais do que bastante para classificar a actividade de uma associação regional.

O serviço da secretaria, a cargo apenas de cinco funcionários, ramifica-se por diferentes sectores, segundo os aspectos que envolvem. No pormenor organização, actividade monotona mas esgotante, o trabalho a desenvolver não se limita à marcação de encontros e seus registos de baixas: outros serviços, igualmente ligados ao futebol, prendem a atenção dos dirigentes. Temos, por exemplo, a correspondência, a totalizar 153 circulares e 3.046 officios expedidos, e a análise e despacho de 4.537 comunicações recebidas — isto pelo que toca à actividade exigida ao seu dinâmico secretário-geral. Mas analisemos ainda que a tesouraria movimentou aproximadamente a verba de 1.880 contos, como produto da venda de 160.000 entradas nos campos, com o concurso de 160 porteiros, bilheteiros e fiscais — serviço superiormente orientado pelo sr. engenheiro Fernando Gas-

Na secretaria: Leonel Gaspar, chefe dos serviços, e F. Marques, empregado



Aspecto parcial da sala da direcção



par, tesoureiro da A. F. P.

Colhendo apontamentos de toda esta actividade, podemos conhecer, com surpresa bem agradável, a acção social criada e desenvolvida em relação aos jogadores, através de assistência médica completa e de subsídios pecuniários, estes nos casos de doença ou morte, disposição inédita entre as diferentes associações do País.

Embora pelos regulamentos da D. G. Desportos esteja prevista a obrigatoriedade de todos os clubes garantirem assistência aos seus atletas, a A. F. P., que já mantinha antes os seus serviços sob a orientação dos srs. drs. José Braga e Albérico Ruber, continua, com movimento muito animador, a dispensar as mesmas regalias aos jogadores que participam nos torneios que organiza. Na época passada, 18 desportistas acidentados em jogos de futebol foram subsidiados pela Associação, gesto que representa um exemplo de filantropia devida à inspiração feliz de quem elaborou um regulamento interno que deve considerar-se modelar — digno até de ser imitado.

Quando se percorre a sede da A. F. P. observa-se, através de todos os gabinetes ou salas — expediente, tesouraria, secretário-geral, direcção, salas de assembleias, posto clínico, etc. — bom gosto e cuidado nas respectivas instalações.

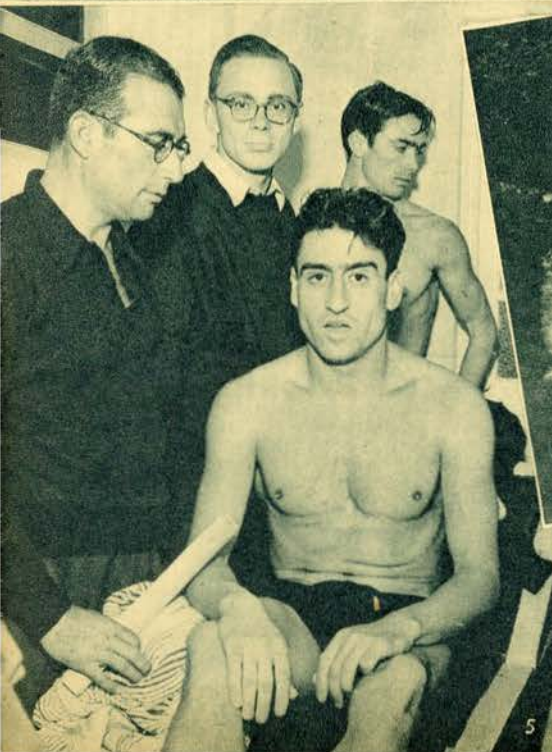
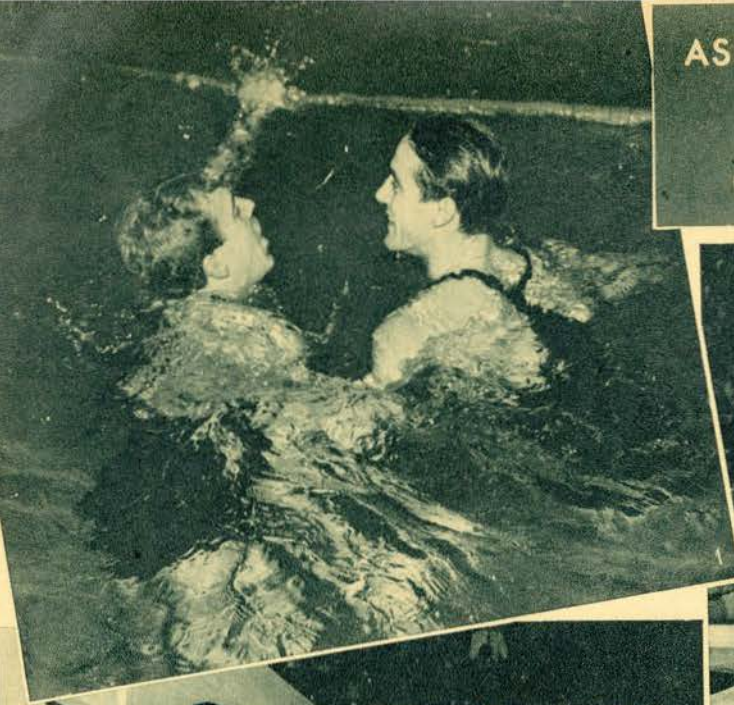
Integrada no espírito do decreto 32.946, a A. F. P. proporciona à Comissão Distrital de Arbitros todo o apoio financeiro e moral indispensáveis.

(Continua na página 14)



Mais três funcionários em actividade: S. Oliveira, D. Silva e Balreira

ASPECTOS DA 1.ª JORNADA do III PORTUGAL-ESPANHA em natação e «water-polo»



1 — Simas abraça Weller, como bom desportista que é; 2 — A equipa espanhola; 3 — a equipa portuguesa; 4 — Mela dúzia de graciosas nadadoras, que disputaram os 35 metros-livres; 5 — Depois da sua grande prova nos 1.500 metros-livres, Manolo Martínez recompõe-se do enorme esforço que desenvolveu; 6 — Weller, Simas e Piera vieja, depois de concluídos os 100 metros-costas; 7 — A troca de galardões entre os capitães das equipas

JOSÉ ROQUETE e AZEVEDO GOMES

são campeões de Portugal de primeira e segunda categorias

«tennis», um tanto ou quanto «adormecido» após a conclusão dos campeonatos da Caris, voltou a animar-se, recentemente, com a realização dos campeonatos nacionais de 1945, nos «courts» do Parado, em Cascais.

O interesse e a animação que caracterizaram o certame correspondem em absoluto à sua importância e aos cuidados que a Federação Portuguesa de Lawn-Tennis dispensou à organização. Não temos dúvidas, até, em afirmar que, sem esses cuidados, os campeonatos nacionais de 1945 não teriam ficado para a história da competição como dos melhores dos últimos anos. E só não foram os melhores — digamo-lo desde já — porque a inscrição quasi se limitou a jogadores de Lisboa.

Desde a escolha acertada do local para a realização dos campeonatos até à regularidade que se imprimiu à seqüência das provas, favorecida, sem dúvida, pela publicidade obtida dos jornais diários, tudo se conjuga para o êxito dos «nacionais» de 1945.

Ainda sobre a regularidade das provas, é de assinalar quanto difícil se tornou a tarefa do juiz-árbitro e dos próprios concorrentes, pela exiguidade das datas designadas para o torneio e pelo elevadíssimo número de encontros que houve que disputar. Na verdade, ter de marcar mais de oito dezenas de encontros para quatro dias, com jogadores inscritos em duas, três e quatro provas — é um «caso sério»...

O facto veio tornar ainda notória a necessidade da F.P.L.T. concluir o mais rapidamente possível a revisão de regulamentos. E, longe de merecer censuras, essa dificuldade em que todos se viram só pode ter fornecido a consoladora certeza da expansão do «tennis».

As provas masculinas

A prova mais importante dos campeonatos foi — como não podia deixar de ser — a de singulares-homens, de 1.^a categoria. A Federação limitou — e muitíssimo bem — as inscrições, de modo que a competição valeu mais pela qualidade do que pela quantidade. De 1.^a categoria, apenas três concorrentes: José Roquete, detentor do título, Eduardo Ricciardi e José da Silva. O primeiro e o último repetiram a final de 1944, defendendo bem, portanto, a sua categoria. A surpresa da ausência de Ricciardi na final tem justificação. Quando tudo indicava que ele eliminaria José da Silva, na meia-final, uma distensão muscular impediu-o de prosseguir na luta, quando já na assistência se radicava a certeza de que Ricciardi seria finalista. E assim é que estaria bem.

Os jogadores das restantes categorias, Teixeira Bastos, Melo e Silva, J.P. Gaivão e J. Leitão, que estiveram na contenda, não

se comportaram de modo que mereça censuras. Perderam naturalmente, contra jogadores de 1.^a categoria. Mas souberam perder com brio.

Em singulares-homens de 2.^a categoria houve 32 inscrições... e, a bem dizer, não houve surpresas. Dos quatro jogadores designados para «cabeças de série», Manuel Matos, Henrique Cunha, Azevedo Gomes e Rui Pereira, só o segundo não chegou às meias-finais. O seu substituto foi o seu vencedor — e até nisto há uma certa lógica...

Dos onze encontros disputados na primeira fase da prova só três conseguiram despertar interesse, pelo equilíbrio de valores, e, mais notoriamente, o que travaram Vinhas e Campos de Andrade, com vantagem para o primeiro. Nos «oitavos» de final, tiveram mais interesse as lutas M. Matos-Orton e J. Leitão-Henrique Cunha. Azevedo Gomes e T. Bastos chegaram à 3.^a partida, mas fica-nos a impressão de que isso foi mais consentido pelo vencedor do que imposto pelo vencido. Nos quartos de final, Leitão, Azevedo Gomes e Rui Pereira dispuseram facilmente de David Cohen, Manuel Vinhas e Quintana. O portuense Manuel Matos voltou a ser o que teve tarefa mais difícil, obrigado pelo marquez de Mendia a terceiro «set». Nas meias-finais, enquanto Azevedo Gomes venceu bem Rui Pereira, M. Matos esteve em grande dificuldade perante Joaquim Leitão (2/6, 7/5 e 8/6).

Na final, Azevedo Gomes bateu M. Matos, ganhando 12 jogos e perdendo um. Portanto, vitória convincente. O novo campeão de Portugal de 2.^a categoria melhorou de encontro para encontro, ganhando o título com inteiro merecimento. Embora M. Matos tenha sido finalista, queremos salientar antes a actuação de Joaquim Leitão, elemento de terceira categoria, que desta vez confirmou exuberantemente as suas qualidades.

O jogador portuense ressentia-se da ausência forçada das competições, mas merece louvores, até porque não quis deixar os «tennisistas» do Norte sem representação na prova máxima.

Rui Pereira foi eliminado pelo campeão e isso não o deslustra, tanto mais que antes firmara claramente o que vale.

As provas femininas

As provas de singulares — seniores, quer de primeira, quer de segunda categoria, foram ganhas por jogadoras estrangeiras. Nada mais concludente, quanto à pobreza do nosso «tennis» feminino — pobreza que é mais de quantidade do que de qualidade. Assim, na 1.^a categoria, viram-se três jogadoras estrangeiras e duas portuguesas.

Na categoria principal assistiu-se à vitória de miss Peggy Brixhe sobre Gabriela Cantorino. A vencedora, que este ano tinha sido «promovida» a esta

(Continua na página 17)

NO XADREZ

CONCURSOS DE COMPOSIÇÃO E SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

A nossa revista anuncia hoje nova iniciativa, esta no campo de actividades do xadrez, «desporto intelectual» por excelência. Trata-se do I Concurso Temático da *Stadium*, que organizamos com a certeza de que esta iniciativa vem precisamente corresponder às exigências do momento, em que começa a despertar, depois de longo período de inactividade, o movimento florescente do Problema.

Este concurso dedicamo-lo em especial aos novos problemistas. O estímulo produzirá assim os melhores frutos, particularmente se todos — novos e consagrados — nos prestarem a sua boa colaboração.

Esperamos que alguns nomes estrangeiros — mais colados e possuidores de maior experiência — venham também valorizar o elenco dos concorrentes a esta prova. É provável que se classifiquem à frente dos nossos — mas tal não importa. O que se pretende é fomentar a actividade do Problema, elevar o seu nível e impulsionar mais este difícil pormenor da actividade xadrezista.

As bases do Concurso de Competição

Os problemas enviados terão de ser inéditos e subordinados ao tema a que faz referência o diagrama que publicamos.

Rev. Port. Xad. 742

Vasco C. Santos

«Num problema ameaça ou bloqueio, directo, em dois lances, as duas variantes temáticas resultam da despregagem por intercepção negra e promoção diferente de um Peão branco, com mates directos ou de bateria.»

As remessas, em número ilimitado por autor, deverão ser feitas até 31 de Dezembro deste ano, para a nossa redacção, com a indicação exterior: «Concurso Temático de Xadrez». Os trabalhos serão remetidos de preferência em diagrama, com o nome do autor, pseudónimo ou lema, endereço e localidade, além de acompanhados da respectiva solução, completa.

Serão aceites possíveis rectificações ou corrigendas dentro do prazo fixado para a remessa dos problemas: 31 de Dezembro. A data da expedição, nestes casos, será controlada pelos carimbos do correio.

Em princípio, são instituídos quatro prémios e atribuídas menções honrosas. O 1.^o prémio constará de um objecto de arte ou utilidade; o 2.^o será constituído por uma assinatura anual da *Stadium*; os 3.^o e 4.^o prémios devemo-los à amabilidade da direcção da Revista Portuguesa de Xadrez e constem de volumes desta valiosa publicação.

Se se verificar a existência de um número de concorrentes estrangeiros igual ou superior a metade dos participantes nacionais, atribuiremos um prémio especial ao melhor problema português.

O Concurso de Soluções

O «Concurso de Soluções» é reservado aos solucionistas da Península.

A publicação de problemas far-se-á, de início, quinzenalmente; depois será regular em todos os números, quando a afluência dos trabalhos recebidos o exigir.

Os problemas serão publicados pela ordem de recepção, em princípio com o pseudónimo do autor.

A anotação a empregar é obrigatoriamente a *algebrica*. No intuito de revelar o Concurso do maior interesse, incluiremos, na série das produções propostas, alguns problemas em três lances.

Pontuação: Por cada solução dos dois-lances, 2 pontos; pelos três-lances, 3 pontos (nos primeiros é suficiente a chave e defesas temáticas; nos segundos, a chave e o segundo lance das variantes principais.) Cada demolição por dupla solução vale 2 e 3 pontos, respectivamente. Insolubilidade ou ilegalidade de posição, 4 pontos. Por cada dual ou mate múltiplo, 1 ponto (entenda-se, neste caso, os dois ou mais mates resultantes da defesa da ameaça ou quaisquer nos *bloqueios*; só contam os dois-lances.) Por cada erro ou indicação falsa (solução falsa, indicação de duais inexistentes, etc.), perda de 1 ponto (nenhum problema poderá, porém, dar pontuação negativa). Será publicado o melhor comentário técnico de cada problema, que, em princípio, não deverá exceder 20 palavras, excluindo as jogadas.

O prazo para o envio de soluções é de 15 dias, para os concorrentes de Lisboa; de 3 semanas, para os da Província; e de um mês para os de Espanha.

Prémios: ao 1.^o classificado, um objecto de arte ou utilidade; ao 2.^o, uma assinatura anual de nossa revista; ao 3.^o, uma assinatura semestral; ao 4.^o o volume V — Problemas, da Coleção Paluzie.

Este Concurso terá início no próximo dia 10 de Outubro e encerrar-se-á com a publicação do último problema do Concurso de Composição.

No III Portugal-Espanha em natação e "water-polo"

MÁRIO SIMAS e MANOLO MARTINEZ foram as figuras salientes da primeira jornada

Belo espectáculo desportivo a primeira jornada do Portugal-Espanha em natação. O estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, que chegou a ser considerado empreendimento arrojado e até desnecessário — na opinião de muitos — foi no sábado pequeno para receber quantos desejavam assistir ao pleito entre portugueses e espanhóis.

A bela piscina, pouco antes do começo das provas, cheia de animação, estava repleta, com os seus 4.500 lugares totalmente ocupados, sendo ainda constante o aparcimento de mais gente. Em que situação estaríamos agora se não fora a iniciativa dos homens do S. A. D. de há 15 anos...

Este novo encontro entre nadadores portugueses e espanhóis serviu, principalmente, para a apreciação desejada sobre o nível técnico actual dos representantes dos dois países peninsulares. Ao fim da primeira jornada verificou-se que os resultados de Barcelona não correspondiam inteiramente às nossas possibilidades. Assistiu-se a um equilíbrio de valores.

Se não fosse o incidente que se registou na primeira noite, quasi no final do encontro de "water-polo", em que um dos representantes da Federação Espanhola ordenou aos seus nadadores que abandonassem a piscina, a jornada de abertura teria sido de agrado total.

Mas ao fim e ao cabo foi um belo espectáculo desportivo, como por certo há-de ser o segundo encontro — que se efectua no momento em que fechamos este número da nossa revista.

MÁRIO SIMAS,

nadador admirável e campeão que impressiona

O grande público sabe muito bem como elege os seus ídolos. Este Mário Simas, com a classe de um verdadeiro campeão, inteligente na forma de conduzir as suas provas e cuidadoso na orien-

tação do seu esforço, voltou a ser vencedor brilhante.

Os 100 metros livres, primeira prova internacional da noite, conquistou-o Simas em 1 m., 1 s. e 8/10. Tempo magnífico, prova excelente, na qual o espanhol Isidoro Ferry foi adversário constante. Vimo-lo, em braçadas enérgicas, lançar-se de começo numa tentativa de perigo para o campeão português.

Ao mesmo tempo que se travava esta magnífica luta, nas outras duas pistas desenrolava-se um duelo secundário entre Segismundo Pera e Jeremias Simão, a manterem uma incerteza que só se decidiu a favor do espanhol nas últimas braçadas.

Uma grande prova nos 1.500 metros — Um nadador de grande categoria: o espanhol Manolo Martínez — Baptista Pereira, bom segundo, não deve ter dado todo o rendimento

A grande prova desta jornada foram os 1.500 metros. E necessário ter grande classe de nadador para fazer, em bom estilo e em toada certa, enérgica, uma prova como esta dos 1.500 metros. Foi o que revelou Manolo Martínez. A sua vitória foi impressionante, mantendo em todo o decorrer da competição a mesma vantagem de início. Não há dúvida que se trata de um nadador de excelente categoria.

O espanhol alcançou de facto merecido triunfo. Nadou sempre por forma impecável, ao centro da pista. O seu «crawl» foi o de um bom estilista. Baptista Pereira, fazendo «trudgeon», não esteve seguro. A sua corrida foi impre-

cisa, de rumo irregular na pista, que por vezes o levava a tocar os respectivos limites. Cremos, no entanto, que o alhandense não deu o seu melhor rendimento. Esperámos vê-lo «puxar» depois dos 1.000 metros, mas tal não sucedeu. E dizemos que Baptista Pereira poderia ter dado melhor rendimento a julgar pela forma como os dois nadadores terminaram a prova. Manolo Martínez acusou o enorme esforço que despendeu, a ponto de ter de ser auxiliado para sair da piscina e levado quasi em braços para uma cabina do cais. Baptista Pereira deixou a água com a maior naturalidade e grande à-vontade de movimentos. Ter-se-ia lançado na prova com falta de confiança em si próprio?

Mas todas estas apreciações em nada diminuem o valor da vitória de Martínez. Pelo contrário, o seu grande triunfo valorizou a derrota do nadador português.

A marcha da prova foi-se assinalando sempre com vantagem para o «recordman» espanhol.

Aos 200 metros havia gasto 2 m. e 32 s.; aos 400, 5 m. e 32 s.; aos 500, 6 m. 50 s. e 8/10. Nessa altura tinha batido o «record» de Castela.

Depois dos 500 metros, vimos que o nadador português aumentava um pouco a velocidade, mas Martínez continuava sem ceder — e os 800 metros foram cobertos em 11 m. e 10 s.

Entre os dois nadadores começava a desenhar-se nítida a distância de meia piscina.

Os 1.000 metros foram feitos pelo nadador espanhol em 14 m. 4 s. e 4/10, ou seja menos 41 s. do que em Barcelona. Aos 1.200 metros assinalava-se-lhe o tempo de 16 m. e 58 s. e até final o nadador manteve inalterável o seu andamento — e o seu estilo.

Os 1.500 metros foram completados por Manolo Martínez em 21 m. 21 s. e 5/10. Com este tempo o nadador espanhol estabeleceu o «record» de Espanha, que estava em 21 m. 24 s. e 6/10, ao mesmo tempo que derrubara também os «records» espanhóis dos 800 e dos 1.000 metros; a sua média tinha sido de 1 m. e 27 s., por 100 metros. Baptista Pereira completou a prova com 21 m., 36 s. e 5/10.

Interessante também de seguir, por valorosa, a luta entre os dois restantes nadadores, José Luís Olló e Belmiro Santos. Fizeram uma prova animada e muito igual até aos últimos metros da chegada.

Nova vitória de Mário Simas confirmando a sua classe de campeão

A terceira prova entre nadadores portugueses e espanhóis iniciou-se com a desvantagem de 2 pontos para Portugal. Mas era a prova dos 100 metros, costas.

Todos quantos estavam no estádio náutico de Algés confiavam em Mário Simas, quando se lançou à água.

Simas premiou esses desejos conquistando mais uma brilhante vitória, tanto mais que Alfonso Weller foi um adversário difícil. Mas Simas impôs a sua classe e, pouco a pouco, desenhoulhe a diferença que daria ao português o seu minuto e dez segundos de prova, contra o minuto e treze segundos de Weller.

Mas a animação desta prova não terminou com a chegada dos dois primeiros. O terceiro lugar era de grande importância para a pontuação. Deviam por certo compreendê-lo os nadadores, mesmo sob o nervosismo com que cortavam as águas da piscina. Triunhou o português Artur Mendes Silva, que venceu o excelente Piernavieja por um escasso décimo de segundo.

Ao fim desta prova, Portugal somava 17 pontos, contra 16 da Espanha.

O encontro de "water-polo" e o abandono da equipa espanhola

Antes de escrevermos os nossos comentários a esta prova, uma interrogação: porque não desfrutará o «water-polo», entre nós, do interesse compatível com o valor e a animação do jogo?

Quem, dos milhares de pessoas que enchiam o estádio de Algés e Dafundo, não vibrou com a disputa do encontro de «water-polo» entre os «setes» de Portugal e de Espanha?

De facto, o jogo foi bom. Os espanhóis são melhores, embora não sejam detentores da perfeição — mas o «sete» nacional exibiu-se por forma a estabelecer uma partida equilibrada.

Do grupo espanhol, o guarda-redes Cruells dominou todos os seus companheiros. Os anos não têm prejudicado o seu virtuosismo. As defesas que executou foram admiráveis de colocação. Só devido a elas os portugueses não chegaram ao intervalo empatados, ou até vencedores, porque tiveram dois remates que, lançados com mais serenidade, por certo entrariam... Os nossos adversários fizeram dois tentos na primeira parte, logo de início, por Gimenez e Brull.

O segundo tempo foi melhor para o lado português. Actuámos por vezes com mais autoridade — e a premiar essa actuação Sacadura fez um bom «goal».

Depois, com a equipa portuguesa a animar e impor-se — o fim...

Faltava pouco mais de um minuto para que o jogo terminasse. O «team» espanhol foi castigado com um livre directo.

O árbitro, o antigo jogador António Soares — que embora no primeiro tempo tivesse alguns deslizes em benefício dos portugueses, fez uma segunda parte imparcial e atento — apitou para marcar a falta. Os nossos nadadores não compreenderam logo a natureza do castigo marcado e lançaram o

(Continua na página 15)

O terceiro dia de futebol

O terceiro dia de futebol da nova temporada não diferiu muito do anterior: jogos particulares a implicar deslocações dos principais clubes lisboetas e dois campeonatos regionais de primeiro plano (Setúbal e Algarve). Dois festivais, porém, deram mais relevo à jornada: o de Sintra e o do Pôrto.

O Sporting e o Belenenses exibiram-se em geitos de treino, jogando, respectivamente, contra o Sporting de Elvas e Desportivo de Torres Novas. As equipas lisboetas ganharam por 10-1 e 5-0, sem necessidade de se empregarem a fundo.

A jornada de Sintra despertou na encantadora vila grande entusiasmo. E com razão, pois os sintrenses tiveram o ensejo de ver três equipas lisboetas em acção na mesma tarde — o que nem sempre é fácil de conseguir...

O primeiro jogo colocou frente a frente o Chelas e o Sintrense. Os lisboetas, evidenciando melhor técnica, venceram por 5-1, a despeito da réplica constante dos adversários. Depois, o Benfica defrontou o Atlético e venceu por 4-2. A partida viu-se com agrado,

sobretudo porque tardou a adivinhar-se o vencedor, e a exibição das duas equipas foi razoável.

Em Leixões, o clube local organizou um festival que reuniu, além da sua equipa, três «teams» do primeiro plano do futebol português. O Leixões venceu o F. C. do Pôrto, por 3-1, e o Boavista bateu o Académico, por 3-0. Em Aveiro, o Beira-Mar recebeu a visita do Vitória de Guimarães. Um empate a duas bolas foi o desfecho da pugna.

Em Viana do Castelo, o Vianense, a confirmar os propósitos de dar que falar no campeonato regional, venceu o Leça por 6-0.

Finalmente — os campeonatos regionais. No de Setúbal anotaram-se os seguintes resultados: Vitória-Gimnásio do Sul, 7-0; Onze Unidos-Seixal, 4-3; Luso-Barreirense, 2-0; C. U. F. Amora, 2-1. Naturalmente, os setubalenses alcançaram o resultado mais expressivo. De notável a vitória do Luso sobre o seu rival.

No do Algarve: Portimonense-Olhansense, 3-8; S. C. Faro-Farense, 0-3; Louletano-Lusitano, 0-5. Ganharam os favoritos.

OS ATLETAS PORTUGUESES

conquistaram uma vitória brilhantíssima
no III "match" internacional com a ESPANHA

Os srs. sub-secretário da Educação Nacional, embaixador de Espanha e director geral de Desportos assistindo às provas da segunda jornada

Matos Fernandes
teve a honra de
levar pela primeira
vez a bandeira
nacional



Montalvão Fernandes,
que triunfou no salto
de vara



Alcides estabeleceu
seu memorável recorde
no triplo-salto



Paquete,
vencedor
dos 100
metros



João Silva, vencedor dos
5.000 e 10.000 metros,
comanda a segunda destas
provas



Sampaio Peixoto
o grande campeão
nortenho



Manuel da Silva
"recordman" do
martelo



Matos Fernandes
atleta de fibra



Cruz, vencedor dos
110 metros
barreiras



Torres, vencedor do
disco e do peso



Apellániz, vencedor do dardo



Nos 800 metros: À
esquerda, Bastos segue
efechado entre os seus
dois adversários; à d'réita,
no momento da
chegada, depois da sua
brilhante fuga, que lhe
deu mais uma vitória
folgada



Como Sampaio Peixoto
bateu Leirona nos 400
metros



Da regulamentação da A. H. P.

INFLUENZAMENTE, escreve-se muito com propositada maldade. Em vários sectores. Fere-se sem dó nem piedade, duvidando de tudo e de todos, gastando-se colunas e colunas de prosa em belicidades impróprias de bom crítico — e de bom desportista.

As vezes — não faltam comentários carregadinhos de falsa competência. E sempre, nas entrelinhas ou no conjunto da sua «prosa bárbara» — quanta vaidade, verdade para o papel com pelúncia que irrita...

Há excepções, claro. E honrosas!

◆ **DOMINGO** próximo começa o campeonato regional de futebol. E com um bom jogo: o Pôrto-Boavista. A luta no campo irá ligar-se e muitas outras. Mas essas não contem. O resultado do jogo será sempre — o resultado. Não contará a notícia do «exagero» dos números, da pouca sorte do adversário, da infelicidade de A ou B, ou da «incompetência» do árbitro.

«Números» e mais «números». Estes, muitas vezes, conseguem anular todos os sintomas de periclicidade. Falam como gente...

◆ **A. A. D. SANJOANENSE** é treinada por Szabo. Como o F. C. do Pôrto. Se os «sanjoaneiros», simpáticos, muito amigos, até, dos azuis-brancos, conseguirem ganhar o campeonato de Aveiro... — perguntem-nos — como ficará colocado o conhecido treinador húngaro? Ora... No seu lugar de treinador... Não nos parece que daí venha qualquer mal aos dois correctos agrupamentos.

◆ **O CICLISMO** conquistou o público do Pôrto. Finalmente. O F. C. do Pôrto tem mercado com duas equipas: Aniceto (o mestre) e Onofre Tavares, e F. Jorge Moreira-Dias dos Santos. Claro — forças bem divididas. O público nortenho gostaria de ver Onofre-Moreira. O primeiro, jovem, ainda mais novo do que Moreira, promete impor-se no próximo ano. Apenas deverá recomendar-se-lhe que tenha preparação cuidada e persistente. Sem vaidade, sem pressas — chegará ao primeiro plano do ciclismo nacional.

◆ **NO HOCKEY EM PATINS** está inscrito o F. C. do Pôrto com uma equipa. Freco — a última. Por enquanto, tudo são rosas — para o adversário. Veremos o que sucederá se os azuis-brancos, mais tarde, conseguirem categorizar-se. Temos depois de ouvir os sapientes, dia a dia.

Vem o talhe de joice endereçar parabéns aos jogadores do popular clube pela sua persistência. Assim se fizeram o Paço de Arcos, o Hockey de Sintra, o Infante de Sagres. As sucessivas derrotas não o devem desanimar. Os frutos do seu trabalho aparecerão na devida altura.

◆ **ELÍO COSTA PEREIRA** é um atleta de cor, que apareceu no F. C. do Pôrto há um ano. Passou de iniciado a senior. Não treina, por não viver na capital do Norte, e é pens. Está-lhe reservado um excelente futuro no dia em que se dedicar «verdadeiramente» ao atletismo.

Se o popular clube nortenho conseguir retirá-lo da sua aldeia do Beiro Alto, onde apenas «brinca» ao atletismo, pode Elíio Costa Pereira classificar-se como autêntico campeão.

A Vitória do Ciclismo...

O ciclismo não é só um desporto que agrada pela emoção, pela boa luta que fornece, na pista ou na estrada. O ciclismo, como está provado, serve para levar a camisola do clube para longe, para a sua propaganda pura e simples.

Precisamente por isso, parece-nos oportuno sugerir aos clubes a adopção de uma camisola diferente da que muitos ciclistas usam. Por exemplo: aos representantes do F. C. do Pôrto seria de aconselhar a camisola-padrão, de riscas, como a do futebol.

O êxito desportivo dos praticantes está intimamente ligado à popularidade dos clubes. Os entusiastas, que vibram ao longo da estrada ou sentados na bancada de uma pista, são ali levados, quasi sempre, pela magia das camisolas. Aplaudem-nas. Auxiliam-nas, muitas vezes. Porque não se lhes apresenta, por isso, a autêntica camisola do «seu clube»? O Sporting, como se sabe, não mudou de camisola. Fêz uma composição, necessária, bonita, mas oferece ao seu publico, sempre que entra em provas — a verdadeira camisola da colectividade.

O ciclismo, vencedor no Pôrto graças à maneira como se interessou o principal clube da cidade, precisa de ser observado em todos os pormenores. Este é um dêles. Que da sua vitória todos estamos seguros, a avaliar pelas enchentes ultimamente verificadas no Estádio do Lima.

ATLETISMO

Notas e comentários

PRATICAMENTE, pode dizer-se que o atletismo portuense viu já terminar a sua época de 1945. A disputar — se se disputar — teremos apenas o «Decatlo». Depois, será o início de um período de repouso, o prolongar-se até o fim do ano.

Chegou o momento de se fazer o balanço final da temporeada, do qual nos ocuparemos brevemente.

Contudo, desde já deve realçar-se um facto: o da obra construtiva da Associação Portuense de Atletismo, que conseguiu admirável ambiente para a modalidade. E, a propósito, crescentes-se: Teodoro Argente Júnior e Eduardo Silva, respectivamente presidente e tesoureiro do referido organismo, estão na disposição de deixarem os seus cargos. Pretendem descansar — assim nos afirmaram.

Embora esse desejo seja respeitável, parece-nos de toda a conveniência procurar dissuadi-los de tal propósito, pois o atletismo nortenho lucrará muito com a sua permanência na A. P. A. por mais uma época. Não será fácil encontrar no nosso meio quem se disponha a continuar a sua obra, tanto mais que granjearam a simpatia unânime dos clubes e dos atletas, além de que falta ainda resolver certos problemas internos da Associação, que só os orientadores de agora terão coragem para enfrentar.

Assim, os clubes têm toda a conveniência em trabalhar no sentido de manter nos seus lugares quem tão boa conta tem dado da sua missão.

Haverá atletismo, no Pôrto, em 1946?...

Embora não pareça, a verdade, infelizmente, é que esta pergunta tem cabimento, dada a falta de material atlético com que a A. P. A. luta. As «velhas» barreiras, que esta época ainda serviram, sabe Deus como, já não podem ser utilizadas, por mais boa-vontade que

heja, discos e dardos regulamentares não existem e os postes para os saltos exigem reforma. Em suma, se a Federação ou a Direcção Geral não auxiliam a A. P. A., este ver-se-á obrigada a deixar de organizar os seus campeonatos, na próxima época. Grave situação esta, pois, que deve ser resolvida desde já.

De momento, o F. C. do Pôrto é o único clube que mantém em actividade cursos de preparação de jovens praticantes. Todos os domingos, na Constituição, se têm realizados torneios de propaganda, com a concorrência de bom numero de «novos» — entre os quais alguns se têm revelado como futuros campeões.

Merece realce o interesse que o F. C. do Pôrto está a voltar ao atletismo, em contraste com o apatia registado noutros clubes com responsabilidades no meio.

E. S.

LUÍS MARCOLINO

DE OITO EM OITO DIAS

Quando chegará a nossa vez?

Braga vitoriosa há pouco aquêles que se têm dedicado a proporcionar-lhe a satisfação de um desejo há muito acarinhado e esperado. Braga agradeceu ao governo da Nação, numa manifestação retumbante de apoteose, a contribuição de 8.000 contos para a construção do seu estádio municipal, quasi que em pleno corenção da cidade.

Assim, a capital do Minho, cujo valor desportivo e demográfico não pode comparar-se com o do Pôrto — embora represente muito para o seu distrito — vai ter ocasião de ver realizada uma obra que desejou.

E o Pôrto? Quando é que a capital do Norte terá o seu estádio, construído pela Câmara ou pelo Estado? Quando é que a segunda cidade do País, centro populacio-

tema já é velho...

Todos os anos, os elementos que ocupam os cargos dirigentes na A. H. P., principalmente depois de contacto com a modalidade, declaram que a regulamentação da associação regional é imperfeita.

A par de alguma verdade, há, também, pretexto para encobrir deslizes em decisões irreflectidas.

É evidente que os regulamentos carecem de clareza e de actualidade; todavia, se as primeiras edições da regulamentação estão hoje desactualizadas, as mais recentes — que são am ma decaique das primitivas — enfermam, positivamente, de ambiguidade...

Nunca é proveitoso para um desporto quando se transformam amildadamente os seus regulamentos; há sempre a dificuldade de interpretação, que ocasiona inevitáveis conflitos entre a associação regional e os clubes; por outro lado, pela revogação prematura, não se extrai o verdadeiro resultado do sistema.

Debaixo da morosidade peculiar — com enfado da maioria dos delegados que, inconscientemente, deliberam mais sob pressão daqueles que pretendem «levar água ao seu moinho» — uma assembléa geral para alteração de regulamentos. E sabordina-se uma legislação ao pensamento dos dirigentes — e não o pensamento à legislação.

Uma vez destruída a estrutura da velha regulamentação, impõe-se a redacção de novos capitulos e supressão de outros, segundo o molde das exigências actuais.

A prudência aconselharia não se mexer muito no assunto, aguardando-se a entrada em vigor dos códigos de «handball», aos quais a A. H. P. tem de sujeitar-se.

Assim, a Direcção Geral, a Federação e a Comissão Central dos Árbitros têm os seus regulamentos em vias de conclusão, os quais, por certo, devem ser julgados, por incompatibilidade, os que a Associação do Pôrto tem ou paser agora em vigor.

nal e desportivo de sume grandeza, burgo de excepcional valor artistico, comercial e industrial, verá erguer o seu estádio, — não construído em terreno impróprio, mas naquele que deve ser?

Parece que a pouca sorte não abandona o Pôrto, fazendo-o figurar como que diminuído perante outras terras do provincia, que já têm resolvido o seu problema desportivo, no que respeita a campos de jogos...

Porque não se organiza uma grande manifestação dos clubes e associações desportivas, junto das autoridades, para expor o desejo de cidade?

Manifestação semelhante, na capital, deu ao País o seu Estádio Nacional. Talvez a nosse, a manifestação do Pôrto-desportivo, pedindo bem, fôsse o grande impulso que pusesse a rolar as engrenagens

que interessam à província

Stadium na província

UM BELO EXEMPLO...

PODE apontar-se Aveiro como um distrito modelo. Isto no futebol, quanto aos seus concelhos de S. João da Madeira, Ovar, Oliveira de Azemeis... Espinho e Aveiro, além do futebol, dedicam-se também com entusiasmo a outras modalidades: remo, natação, patinagem, «basket» e ciclismo — onde Sangalhos é uma referência.

Não vemos distrito onde mais se trabalhe. Ainda agora, neste princípio da época de futebol, se pôde verificar mais de perto a actividade dos seus clubes.

Os de S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Espinho e Ovar preparam-se entusiasticamente para um campeonato que será renhido como nunca.

Mas outro vai aparecer nas lides desportivas: o Clube Desportivo de Estarreja, há semanas animado pelo seu contrerâneo, seleccionador nacional e nosso distinto camarada Tavares da Silva. Martosa, Agueda, Curia, Ilhavo, Vale de Cambra, Vila da Feira e outros pequenos centros do distrito, vão ler Estarreja por companhia, e tudo isto revelar-se, indiscutivelmente, que o distrito de Aveiro marcha na vanguarda de todos os outros.

Se pudesse apontar-se idêntico movimento pelo país além, seria bem agradável a nossa expansão desportiva. E porque não há-de ser assim?

CAMPO DE BESTEIROS—Ao contrário do que chegou a anunciar-se, o Besteiros Futebol Clube não concorre ao campeonato da A. F. Viseu. Embora seja de lamentar o facto — a verdade é que tem justificação na maneira como tem sido encaminhado o futebol no distrito.

CANTANHEDE—O Clube de Futebol «Os Marialvas», desta vila, concorrerá ao campeonato da 2.ª Divisão da A. F. Coimbra. Esta notícia causou justificado entusiasmo, visto que o clube, dos mais velhos do distrito, tem todas as condições para triunfar.

«Os Marialvas» ficarão ligados á zona da Figueira da Foz e, portanto, em boa companhia.

ELVAS—O Sport Lisboa e Elvas, que se prepara com todo o entusiasmo, a fim de se classificar para o campeonato nacional da 1.ª Divisão, ganhou por 6-1 ao Estrêla de Portalegre.

FARO—Os membros da Comissão Distrital de Arbitros, segundo uma informação de boa origem, estão demissionários.

MEALHADA—O Grupo Desportivo da Mealhada pretendia filiar-se na A. F. Coimbra, visto isso lhe interessar muito mais. Todavia, a sua pretensão foi indeferida pela F. P. F., sendo por isso obrigado a disputar o campeonato promocionário da A. F. Aveiro.

OLHÃO—Conforme se disse na *Stadium*, há muitas semanas, Cabrita está ligado ao seu clube por uma amizade sólida. É certo que aos desportistas algarvios não agradou a sua digressão pela capital. Mas isso passa no dia em que o popular jogador marque um bonito «goal»...

PORTALEGRE—Esteve nesta cidade o sr. Salvador do Carmo, do conselho técnico da F. P. F.,

desta máquina que está emperrada e que não nos dá um estádio, uma piscina, etc., aquilo que a cidade exige para a prática dos desportos.

Quem sabe? Talvez fosse bom...

Não há notícias...

Percorrem-se agora as colunas dos jornais cá do burgo e não se nos deparam, como até há pouco, os sensacionais notícias de mudanças, deste e daquele, para aqui e ali. Desapareceram, como o fumo... Já não há com que impressionar os «mentideros», que vão tendo, assim, pouco de que falar, à minúscula das informações alvitreiras.

Foi das tais medidas que é só de agradecer. Soff! Que a gente chegava e não saber quem ficava e quem saía...

Novos recrutados?

Pessoa amiga, cem por cento F. C. do Pórtio, encontramos há dias subindo a rua de Santo António. Em ares confidenciais, como quem vai desvendar o segredo do loteira da Santa Casa, disse-nos em surdina — porque as paredes têm ouvidos — que vinham aí, de corrido, dois famosos recrutados para o seu amado clube. Claro que recebemos a informação como tendo

Aos nossos correspondentes

Avisamos os nossos correspondentes de que só poderemos começar a distribuir os novos cartões de identidade após se encontrarem preenchidas as formalidades legais para a sua aprovação oficial.

que vistoriou o Estádio da Fonte-deira. Foi resolvido proceder a algumas reparações julgadas indispensáveis.

POVOA DE VARZIM—O senhor ministro da Marinha concedeu ao Clube Naval Povoense, desta vila, a medalha de ouro. O gesto deste representante do Governo foi muito apreciado, visto que o Clube Naval Povoense tem tradições gloriosas no desporto do remo.

visos de verdade, porque o nosso amigo não mente — mas, embora houvéssimos procedido a indagações, não conseguimos concretizar o nossa informação. Entretanto, sabemos que se trata de um guarda-rêdes e de um defesa açorianos, que já estão «errumadinhos» e prontos para embarcar com destino a esta encantadora terra do Infante.

Nada sabemos do seu valor desportivo, nem como se chamam.

Mas como o caso parece ter os seus visos de verdade, a notícia fica dada...

Pene é que lá fora não haja médios e avançados. Então, sim, a coisa era [alada]...

Lisboa! presente! Coimbra! presente! Pórtio...

Correram-se nas águas do Mondego os campeonatos nacionais de natação. Lisboa e Coimbra estiveram presentes à chamada, com os seus lotes de nadadores. O Pórtio, para não desmentir o que temos afirmado, brilhou extraordinariamente pelo... ausência.

E não se cobre a cara de vergonha o quem deixou que a modalidade se sumisse «pela água dentro», como um naufrago que vai a pique.

Pobre cidade do Pórtio, que tão digna és de sorte diferente!...

Por terras de África

A ACTIVIDADE DESPORTIVA EM MOSSAMEDES

MOSSAMEDES, Agosto—Realizou-se há pouco o torneio de preparação de futebol, que desportou este ano muito interesse, em virtude de se registar a participação de mais um concorrente — o Gimnásio Clube Torre do Tombo, agremiação de velhas e boas tradições, que há cerca de sete anos estava afastada da actividade desportiva.

O torneio forneceu a classificação seguinte: Sport Lisboa e Mossamedes, 9 pontos; Gimnásio Clube Torre do Tombo, 7; Sporting Clube de Mossamedes, 4; e Atlético Clube de Mossamedes, 4 pontos.

Em reservas, o Sport Lisboa e Mossamedes classificou-se também em 1.º lugar, com 8 pontos, seguido do Gimnásio e do Sporting, com 6, e do Atlético, com 4.

O Sport Lisboa e Mossamedes, filial do popular Sport Lisboa e Benfica, continua a afirmar-se como a mais aguerrida das equipas do distrito.

No campo do Sport Lisboa e Mossamedes, efectuou-se no último mês um festival de «basketball», disputando-se dois encontros: no primeiro defrontaram-se as equipas do Sport Lisboa e da Escola Prática de Pesca e Comércio, no qual a primeira venceu por 27-14; no segundo exibiram-se duas equipas femininas da referida Escola, ganhando a «encarnada», que bateu a «branca» por 6-2.

O Gimnásio Clube Torre do Tombo, decano das colectividades desportivas locais, festejou em 24 de Junho o seu 26.º aniversário. Do programa das festas constava um encontro de futebol entre o clube em festa e

Vai ser fundada A Associação de Futebol da Guarda?

AINDA há distritos onde o futebol não está oficialmente organizado. Na Guarda, por exemplo.

Falta criar a respectiva Associação e agora, que a ideia parece ir por diante, obriga-se a nossa revista, como sempre acontece, a prestar-lhe a necessária colaboração. Por isso nos agrada fazer referência a uma simpática iniciativa do Clube de Futebol «Os Vilanovenses», de Vila Nova de Tazem, que levou a efeito uma reunião de todos os clubes de Gouveia, na sede «Os Louveses».

Nesta reunião preparatória estiveram presentes todos os delegados dos clubes interessados e ainda elevado número de desportistas. Presidiu o nosso distinto camarada de Imprensa, dr. Amadeu Rodrigues, de Coimbra, e depois de bem discutido o assunto por parte de vários desportistas, foram encarregados os senhores dr. Santos Júnior, Abel Manta, Brito e Cunha e Manuel Gaspar Viegas de procurar uma solução que satisfaça os desejos dos apaixonados pelo futebol.

Claro que a situação de clubes filiados já noutras Associações limítrofes deve merecer, antes de mais nada, o necessário estudo. Aparentemente, parece coisa difícil, tanto mais que a ideia apareceu tarde. Estamos dentro de nova época — não se esqueça. No entanto, nem isso pode impedir a fundação imediata da nova Associação de Futebol da Guarda, nem a realização de um campeonato regional.

Entretanto, durante o ano corrente tudo poderia preparar-se no sentido de fazer ingressar neste novo organismo oficial os clubes alinhados em qualquer Associação estranha. Não pode discutir-se a tentativa. Ela interessa a todo o distrito da Guarda e a todo o futebol do País. A comissão agora nomeada, composta por desportistas distintos e conhecedores, principiou já os seus trabalhos, e por isso aguardamos que do seu entusiasmo e da sua comprovada competência possa sair, forte e decidida para a luta, a nova Associação distrital.

Escusado será repetir que contamos com a simpatia da *Stadium*.

“Flecha” é a melhor bicicleta

o Sport Lisboa e Mossamedes, no qual este ganhou pelo elevado «score» de 8-1.

Efectuaram-se também alguns animados bailes, num dos quais foi eleita a «Miss Torre do Tombo». A escolha recaiu na menina Maria do Céu Duarte de Almeida, que reñia 1.310 votos.

MAIS IMAGENS
do III Portugal-Espanha
em ATLETISMO
no Estádio do Lumiar



À troca entre os dirigentes e os capitães das equipas



o momento que lhe deu a vitória no péso



Como saiu a manobra para ganhar o salto em altura

À equipa nacional que triunfou nos 4x100



Edgar Tamejão vencedor do salto em comprimento



Nos 110 m. barreiras, com portugueses e espanhóis ainda a par



Outra equipa nacional vitoriosa: a dos 4x400



Os atletas de ambos os países que disputaram o III Portugal-Espanha



NOS ARREDORES DA CAPITAL

O TRAFARIA FUTEBOL CLUBE

está a desenvolver a sua actividade nos campos desportivo e social

MANUEL DA COSTA é o seu treinador de futebol e conta elevar o «team» do clube a boa situação

PROCURANDO quebrar a cadeia que prendia os seus desejos de progresso, a Trafaria elaborou um plano de melhoramentos que muito a beneficiarão, conduzindo-a à situação de relevo a que justamente pode aspirar. Claro que o desporto acompanha sempre estas evoluções e, assim, vamos encontrar na risonha vila um clube com princípios de trabalho metódico — que justificam por si só esta reportagem. Efectivamente, o Trafaria Futebol Club despertou a nossa curiosidade. É que está lançado num plano de actividade assentes em bases firmes — e chamou a si um elemento cheio de qualidades e de vontade em demonstrar, numa orientação que tem o seu quê de inédita, a melhor maneira de «fabricar» uma equipa de futebol: Manuel da Costa, o habilidoso jogador, sobejamente conhecido.

O Trafaria F. C. foi fundado há oito anos — mas só há poucos meses enveredou decidido em nova fase de existência. Já deixou a primitiva sede e foi instalarse noutra mais ampla, na avenida Marginal. Não é ainda o que necessita para os seus projectos — para o seu futuro ginásio e para a actividade beneficente que figura no programa delineado e da qual cuida um grupo de senhoras. Mas é já muito para impor a colectividade através de uma obra em que o desporto andará ligado à acção social.

O futebol, claro, é uma modalidade número um...

O clube disputa o campeonato do Associação de Setúbal, núcleo de Almada. Mas estão também a funcionar as secções de «tennis» de mesa e de tiro, nas quais se têm registado boas vitórias. E o bilhar, misto de passatempo e de desporto, e a biblioteca, já com apreciável número de volumes — são particularidades que a nova sede oferece já, garantindo que as outras se seguirão, como a aviação, etc. Os dirigentes do clube pensam também na «gente miúda», que desejam arrancar a uma vida pouco indicada para os seus verdes anos.

Outro projecto está também em marcha na transformação impressa ao clube: o campo de jogos. É, de facto, um belo recinto, situado em magnífico local. Um pouco para lá da Trafaria, quando a arborizada estrada para a Costa da Caparica começa a ser mais fechada pela copa do arvoredo, à direita, numa clareira do vivificante pinhal, lá está o campo de futebol. O terreno é optimo — e nele haverá em breve, a par dos melhoramentos porque vai passar, um recinto para «basketball» e um «court» de «lawn-tennis». Pelo que toca ao futebol, o campo tem as dimensões mínimas internacionais e já se pensa na possibilidade do seu arrelvamento, caso algum dia a Federação verifique as vantagens que oferece, até para estágio de jogadores. Um pormenor de importância primordial: a água é abundante no local, encontrando-se a poucos metros de profundidade. Na realidade, o Trafaria F. C. é uma promessa em relação ao futuro, tanto mais que conta com a simpatia dos habitantes da vila, entre os quais os de mais valia, como, por exemplo, o sr. Jean Roy, director de uma importante indústria local. A direcção do clube é constituída pelos srs. Elias J. Cardão, José Augusto, José Rocha, António A. Caspa, João de Almeida Jr., António M. Bernardes, Manuel Correia e João da Condição.



Os serviços clínicos estão confiados à dedicação e competência do sr. dr. Leal dos Santos Lima. Estão todos animados do maior entusiasmo, esperando que a comissão de melhoramentos, formada recentemente na Trafaria por iniciativa do antigo desportista sr. Silvestre Rosmaninho, e da qual o clube faz parte, consiga algo de proveitoso para a vila — e para o desporto local. A acção de Manuel da Costa como treinador do Trafaria F. C. — é a novidade de maior vulto na transformação da vida do clube. O conhecido jogador tem sido de dedicação e actividade constantes. Sentiu que tinha inclinação para aquelas funções e, mais, que era a oportunidade de pôr em prática o sistema que, em sua opinião, é o que melhor deve adaptar-se a ambientes como o do Trafaria F. C.

— Não sei bem como «isto» foi... — diz nos.

Primeiro — continua — não me envolvo naquela personalidade autoritária que um treinador de futebol possa julgar indispensável para manter respeito e conseguir levar por diante os seus planos. Sou simplesmente o jogador mais velho...

«O meu trabalho começa por um estudo psicológico sobre cada jogador. Depois, passo a estudar-lhe as possibilidades, apreciando as suas tendências para um outro lugar dentro da equipa. Isto se o jogador não está ainda... muito jogado... De contrário, limito-me a indicações indispensáveis e ao aperfeiçoamento ad-quadro.

«Tenho-me «ado muito bem — acrescenta. E não se julgue que pelo facto do Trafaria ser um clube de segundo plano não está nas condições dos «grandes», quanto à preparação dos seus desportistas. Vim encontrar aqui elementos muito apreciáveis, rapazes de verdadeira habilidade, alguns esquecidos e outros em lugares para os quais o seu feitio e temperamento não se adaptavam.

— Que pensa deste cargo de treinador? — perguntamos a Manuel da Costa.

— Gosto francamente! Até mesmo me sinto deveras «agarrado» a esta nova actividade da minha vida desportiva.

E continua:



Nas três fotografias, de cima para baixo, aspectos de um treino dirigido por Manuel da Costa

O «team» de honra do Trafaria F. C.



— Há aqui rapazes, que já representavam o Trafaria F. C., nos quais encontrei boas possibilidades, a par de outros, jogadores que estavam desistindo por clubes de Lisboa, mas que são da terra e a quem foram concedidas as transferências. Não formei ainda o «team» definitivo, mas espero obter bons resultados, como o clube merece.

Desviando um pouco do seu objectivo esta troca de impressões, não resistimos a uma pergunta...

— E quanto a si?... Onde o veremos jogar esta época?

— Creia que o entusiasmo com que me dedico à preparação dos rapazes do Trafaria F. C. me tem levado a esquecer a minha situação de jogador de futebol... Neste momento nada penso a meu respeito. Basta que lhe diga que me sinto muito bem, quer fisicamente, quer em treino. Mantenho a minha resistência, bom fôlego — e como tenho mantido também a minha preparação, estou afinado...

Insistimos: Jogará esta época?... Manuel da Costa sorri e diz-nos:

— Talvez para o ano alinhe no Trafaria...

E aqui tem o leitor o dinamismo que envolve a actividade de uma esforçada agremiação dos arredores e a entusiástica vontade de um novo treinador — Manuel da Costa, jogador bem popular nos nossos campos.

NO RESCALDO DOS CAMPEONATOS NACIONAIS

Notas, tempos e comentários

NO último número da *Stadium* indicámos, um tanto à pressa, algumas das nossas impressões de ordem técnica acerca dos campeonatos nacionais deste ano e de vários dos nadadores e nadadoras que entraram nas provas. De modo geral, registaram-se bons resultados — e houve pouca gente. Parece que a tendência é para haver menos inscrições à medida que alguns dos campeões progridem nitidamente. A nataçãõ sobe de nível. São melhores as marcas obtidas. Mas estes resultados apartam os nadadores sem aspirações. É menor também o número de clubes que se dedicam à nataçãõ, em todo o país. Não se progride em profundeza.

São complexas as causas de tal estado de coisas. Vão desde a falta de piscinas até à falta de entusiasmo. Andá quasi tudo fora da ordem, sem vantagem para ninguém — e com prejuizo para o interesse que o público, ou parte do público, dispensa à nataçãõ. Em Coimbra, nestes campeonatos, foi evidente o desagrado no público quando de novo se apresentaram apenas dois concorrentes, para um campeonato nacional, nos 400 metros livres. Estavam inscritos quatro nadadores — e um dos que não compareceram estava na piscina, para tomar parte noutras provas.

Dissemos, no período anterior, que andá quasi tudo fora da ordem. Se não anda, parece, pelo menos... Há um número regular de piscinas, no país, com condições para a prática de nataçãõ, e só duas são aproveitadas para provas. Um dos clubes com piscina é o Sport Algés e Dalanda. Pois este clube, com uma equipa de primeiro plano, que tem este ano desenvolvido esforço notável na preparação e revalorização das suas equipas das várias categorias e que pode e deve ter interesse em levar público à excelente piscina de Algés, este clube, dizíamos, não esteve em Coimbra, embora tivesse um título nacional a defender e apesar de ter direito à deslocação da sua equipa 4 x 200, como vencedora do campeonato regional. O Algés não compareceu pela primeira vez aos campeonatos nacionais.

É natural que haja explicação para tal facto. Mas não deixa de ser lamentável a ausência daquele clube. Escrevendo de Coimbra, onde nos encontramos de passagem, queremos apenas dizer que a sua falta tirou animação a duas provas, pelo menos — aos campeonatos de saltos e de 4 x 200.

A primeira vista parece que os campeonatos nacionais se caracterizam por um encontro Lisboa-Coimbra. Mas não foi bem assim... Em boa verdade quasi não se passou de um «match» entre a equipa do Estoril Praia — e dois nadadores, que foram Joaquim Baptista Pereira e Laís Lopes da Conceição.

A carência de concorrentes notou-se, também, entre os nadadores de Coimbra. É menos compreensível. Poder-se-á argumentar com ressentimentos provocados por um incidente que não esqueceu ainda. Convinha, porém, colocar isso de parte, relativamente a uma iniciativa desta amplitude, como campeonatos de Portugal. Seria até uma maneira de corresponder à escolha da cidade para local dos campeonatos.

Quanto a provas femininas, julgamos necessário estudar a possibilidade da entrada das nadadoras principiantes nos campeonatos nacionais. Com a inscrição limitada a júniores e séniores, há sempre pequeno número de concorrentes. Este ano ficou uma prova por fazer (400 metros livres), três foram disputadas por uma só concorrente, e a outra não foi além de duas. Há quantos anos está por disputar a estafeta de 4 x 100? Já não é fácil fazer a conta... Há, pois, que procurar solução adequada.

Os campeões

Bons resultados, diremos nós. Foi, de facto, assim com as provas masculinas. Quasi todos os resultados são melhores que os registados nos campeonatos de 1944. Há só um tempo mais fraco — o de Mário Simas, 1 m. 18 s. 2/5, contra 1 m. 14 s. 3/10. A diferença tem justificação: no ano passado, Mário Simas teve de lutar com Laís Lopes da Conceição. Este ano os nadadores do primeiro plano eram todos do mesmo clube — Simas, Artur Mendes Silva e João José Gomes. Este pormenor diz tudo... Até mesmo João da Silva Marques, o único campeão destronado em provas, fez melhor resultado do que no ano findo (3 m. 6 s. 8/10, contra 3 m. 7 s. 1/10).

De modo geral, manteve-se na mesma a lista dos campeões: Mário Simas (100 e 200 metros livres e 100 metros costas), Joaquim Baptista Pereira (400 e 1500 metros livres) e Estoril (4 x 200 metros livres). Artur Mendes da Silva é o único que inscreve pela primeira vez o seu nome na lista, aliás depois de chegar a campeão ibérico, no Il Portugal-Espanha. António Guedes Gonçalves voltou a ostentar um título que tem ganho e defendido com galhardia, trocando, desta vez, com o dr. Manuel Martins.

Ilda Raposo manteve o título de campeã dos 200 metros braços, este ano em luta com Rosa Lopes, que a venceu. Em Espinho, há dois anos. Ilda Raposo, ainda em boa forma, não deca, no entanto, a impressão de ter progredido. O tempo de 3 minutos 55 s. 1/5 é fraco em relação ao de 1944 (3 m. 55 s. 5/10), e ao do seu «record» regional (3 minutos 4 s. 1/5).

Ano Dinis Linheiro entrou na lista das campeãs por direito próprio, conquistado brilhantemente nas provas deste ano e do

ano findo. Ganhou três campeonatos em provas onde não tinha, de momento, quem a batesse, — nem mesmo Maria Isabel Costa, nos 100 metros costas. As marcas obtidas não correspondem, porém, a vários dos seus resultados anteriores. O menos mau foi o de 100 metros (1 m. 35 s.).

Nomes e números

Joaquim Baptista Pereira pode ser apontado como o nadador que mais se distinguiu, por ser o único que bateu um «record» de Portugal durante os campeonatos (400 metros livres). Bateu, porém, outro, extra-campeonato (1500 metros). E uma proeza extraordinária esta de conseguir dois «records» num só dia. Merece, por isso, francos aplausos.

A figura de mais relevo, pelo conjunto dos resultados, estilo e possibilidades de melhor expressão numérica, foi, no entanto, Mário Simas. É um nadador de classe à parte, entre nós, nas provas de velocidade em «crawl» de peito e costas. Encontra-se em plena forma.

No plano dos vencedores, merece também registo a proeza de Artur Mendes da Silva. Nadou bem, com bom estilo, deslizando suavemente, com «souplesse». Bateu — o seu... «tempo» de de Espanha. E parece susceptível de melhorar ainda.

Entre os segundos, destacaram-se Belmiro dos Santos, especialmente nos 1500 metros, feitos numa toada de excelente cadência, em estilo agradável, e Laís Lopes da Conceição, mais pela energia do que pela correcção do estilo. Belmiro Santos progrediu notavelmente, do ano passado para a presente época. Lopes da Conceição também melhorou bastante — mas precisa de cuidar do estilo. Nos 200 metros livres teve a desvantagem de respirar normalmente para

am dos lados. Quando se voltava para o lado oposto, prejudicava o ritmo da braçada. Ambos estes concorrentes se mostraram nadadores de primeiro plano.

Neste número continua ainda a ligurar João da Silva Marques. Joga muito bem a sua chance, atacando de princípio. Não fogia, pois, ao ataque. O vencedor é que lhe fogia, na altura própria...

Os «records» de Baptista Pereira

O nadador alhandrense teve uma prova irregular no campeonato nacional dos 1500 metros livres. Nos 200 metros, fez 2 minutos 41 s. 3/5, aos 400, 5 m. 31 s. 3/5. Até esta altura da prova manteve uma toada de 1 m. 24 s. para cada 100 metros. Baixou um pouco de média no seguimento. Dos 900 para os 1000 metros, baixou de média, passando de 1 minuto 29 s. 2/5, para 2 m. 1 s. Foi uma queda quasi vertical. Reagiu depois. E os últimos grupos de 100 metros lê-los assim: 1 m. 44 s., 1 m. 33 s. 3/5, 1 m. 21 s. 2/5, 1 m. 29 s., e 1 m. 25 s. 4/5.

Para o fim, estava quasi com o seu rendimento habitual. Mesmo com estes altos e baixos, concluiu a prova em 22 m. 7 s. 1/5, melhor tempo que o de Manoel Martinez, no Il Portugal-Espanha.

O «record» da prova, na manhã do dia imediato, sem nenhum adversário à sua ilharga, foi batido com regularidade digna de registo. Apontemos alguns dos tempos intermediários: 200 metros, 2 m. 38 s. 1/5; 400 metros, 5 m. 27 s.; 500 metros, 6 m. 53 s.; e 1000 metros, 14 m. 8 s.

Tempo total — 21 m. 25 s. Foi uma prova magnífica.

O antigo «record» estava em 21 m. 58 s. 9/10, havendo, portanto, a melhoria de 33 s. e 9/10.

No «record» dos 400 metros, os tempos intermediários foram: 100 metros, 1 m. 15 s. 6/10; 200 metros, 2 m. 35 s. 6/10; (1 m. 22 s.); 300 metros, 4 m. (1 m. 24 s. 4/10); e 400 metros, 5 m. 22 s. 6/10 (1 m. 22 s. 6/10).

O antigo «record» estava em 5 m. 24 s. 4/10.

MÁRIO DE OLIVEIRA

HIPISMO

Resultados imprevistos no 6.º Concurso de Mafra

ORGANIZADO pelo Depósito de Remonta e em benefício da Assistência de Mafra, realizou-se, no hipódromo daquele estabelecimento militar, o VI Concurso Hípico, que decorreu com interesse e foi presenciado por numerosíssima assistência.

A organização submeteu-o ao reglamento da Federação Equestre Internacional e as provas, todas bastante difíceis, tornaram as lutas renhidas, criando, tanto nos concorrentes como no público, um entusiasmo que gostosamente assinalamos.

Pelos quatro dias de competição foram distribuídas as clássicas provas «Omnium», «Caça», «Nacional», «Grande Prémio», «Taça de Honra» e «Despedida», e ainda «Sargentos», sempre curiosa, «Estrangeiros», para complemento do programa do dia em que se disputou a prova

para cavalos nacionais, e «Lavoura de Mafra», destinada aos que, não tendo «handicap», não concorriam ao «Grande Prémio».

Hoive lutas plenas de animação e os primeiros prémios foram este ano bem divididos. Apenas o capitão Fernando Pais conseguiu duas vitórias, ambas no mesmo cavalo — o «Abandonado» — colocando-se assim no lugar de relevo de que anda ultimamente afastado. O seu crescimento de forma, que começou a notar-se em Cascais, confirmou-se em Mafra.

Neste Concurso nem sempre os prémios têm sido bem divididos — e até se deram alguns casos muito curiosos. Assim, em 1939 o capitão José Carvalhosa ganhou todas as provas com a «Fossette» e a «Saúde», proeza digna de registo, que foi repetida, em 1941, pelo capitão Correia Barrento, com o «Adail», então

TENNIS

(Continuação da página 6)

categoria, «estreeon-se» bem. Venceu bem... até porque o triângulo foi difícil. Para nós, porém, fica-nos a seguinte dúvida: não teria Gabriela ganho o encontro sem a atitude incompreensível e censurável de grande parte do público, que tanto a deve ter desmoralizado? Esse público manifestou mais claramente a sua preferência pela vitória da jogadora inglesa do que da portuguesa, revelando uma insensatez pasmosa!

Na segunda categoria, Jacqueline Favresse derrotou, na final, Maria Irene Silva Araújo. A presença destas duas jogadoras, na final, constituiu o desfecho lógico da prova.

Não houve, portanto, surpresas. Surpresa, sim, que se tivesse repetido, da parte de alguns assistentes, a mesma atitude que se registara no encontro de 1.^{as} categorias... — DRIVE

Associação de Futebol do Pôrto

(Continuação da página 4)

Entre as duas entidades existe a nítida compreensão dos seus deveres, a par de útil colaboração. Até hoje, a Comissão tem trabalhado em duas salas contidas pela Associação, embora esta entidade deseje que os juizes de campo se instalassem noutro edifício.

Como manifestação do seu carinho pelos outros desportos, a A. F. P. cede, frequentemente, as suas salas para festas promovidas por associações regionais de outras modalidades. Ultimamente, permitiu que a Associação de Patinagem se instalasse numa das dependências da sua sede.

Eis, a traços muito largos, a vida e actividade da Associação de Futebol do Pôrto. No espaço de que dispomos e atrás de uma simples visita, não é possível, porém, por mencionar uma obra que deve classificar-se de grandiosa, que é o justificado orgulho de dirigentes e filiados — e de uma cidade que se ufana de ser classificada como «Cidade do Trabalho».

LUÍS MARCOLINO

em plena forma, que obteve todas as primeiras classificações. No ano findo foram dois os principais vencedores — o capitão Barrento e o alferes Calado — que dividiram entre si as vitórias de quasi todas as provas.

No concurso deste ano não se deu caso semelhante.

Depois dos resultados conseguidos em Cascais, era legítimo supôr-se que os cavalos ali mais em evidência voltassem a brilhar na semana seguinte em Mafra; mas, com raras excepções («Brioso», «Namir», «Benqueira», «Sagres» e «Abandonado») isso não aconteceu. Houve até alguns que quasi não apareceram entre os classificados, como por exemplo o «Raso», que, depois de um certame tão brilhante, apenas conseguiu o 2.^o lugar da «Caça» e o 6.^o da prova «Ministério das Finanças».

O alferes Calado foi, depois do capitão Pais, o cavaleiro mais em evidência, conseguindo seis prémios — e entre estes o 1.^o da «Omniam», sempre difícil de conquistar. As suas classificações (1.^o, 2.^o, 3.^o, 3.^o, 4.^o e 8.^o) são para enaltecer, visto que os cavalos que apresentou — «Brioso» e «Abranho» — não estão habitados a grandes comitamentos, talvez por não ter ainda chegado a sua altura...

O velho «Namir», que teve há anos a sua época brilhante, conseguiu em Cascais boas classificações e arranca com mérito

ATLETISMO

O III PORTUGAL-ESPAHNA

(Continuação da página 2)

tal, com viragem interior, é impediável e, praticamente, fêz-lhe ainda no domingo transpor 1,90m., que derrubou com o cotovelo depois de haver passado as pernas e o corpo além da barra.

Vista com calma, a prova teria sido para a assistência uma das mais bonitas da jornada.

400 metros: 1.^o Sampaio Peixoto (P.), 50,8 s., novo «record» nacional; 2.^o Perez (E.), 50,9 s.; 3.^o Artur Dias (P.), 52,7 s.; 4.^o Adarraga (E.).

Competição empolgante entre os dois primeiros, que terminaram quasi na mesma linha; Peixoto foi mais rápido de início e à saída da última curva os dois portugueses vinham à cabeça, mas nos cem metros finais Dias cedeu e Peixoto defendeu com rara energia a sua vantagem sobre um adversário que se aproximava a cada passada.

O vencedor correu em condições desfavoráveis, muito de considerar, pois entre a tarde da véspera e o momento da prova foi obrigado a fazer 250 quilómetros de automóvel, para cumprir inadiáveis deveres militares, e chegou ao Estádio já depois de começada a reunião.

Perez agradou-me muito; esplêndida mecânica, leveza e amplitude de passada — será um especialista de temer.

1500 metros: 1.^o Francisco Bastos (P.), 4 m. 12,5 s.; 2.^o Macias (E.), 4 m. 17,5 s.; 3.^o Rojo (E.), 4 m. 20,8 s.; 4.^o Jorge Azevedo (P.).

Os espanhóis, pouco à vontade, não asseguraram de início o andamento necessário para levar Bastos ao «record». Três voltas em pelotão e embalagem de Bastos

em Mafra o «Grande Prémio» Montou-o Pascoal Rodrigues, um concursista que não perdesse as suas localidades e que é pena estar limitado a um só cavalo.

Boa vitória a de «Outão», com Travassos Lopes, cavaleiro de recursos, na prova «Ministério das Finanças», depois de «barrage» com «Aberta», que Joviano Ramos montou com entusiasmo.

O «Ebro», sempre generoso e rápido, bateu em velocidade todos os concorrentes da «Nacional», dando excelente vitória a Fernando Cavaleiro, e o «Marvão» obteve o seu primeiro triunfo — e por sinal em prova oficial — na «Taça de Honra», proporcionando a José Morais uma classificação inesperada.

Também no último dia o «Desajado», com Emiliano Fernandes, venceu a «Caça», batendo todos os «eses», e o «Douro», com Craveiro Lopes, a clássica «Despedida», destinada aos menos afortunados.

Se compulsarmos os resultados do Concurso Hípico Oficial de Mafra chegamos a esta curiosa e imprevisível conclusão: nos primeiros prémios não vimos nenhum cavalo da equipa nacional — e apenas um cavaleiro, Henrique Calado, nota que nos dá a maior surpresa do ano e que continua a tornar este certame o mais rico em resultados difíceis de prever.

ANTAS TEIXEIRA

aos 300 metros finais, que passa sem obstáculos. Macias recuperou bem e aos 200 metros colocou-se a seu lado, assistindo-se então a um ombro-a-ombro empolgante, o qual termina trinta metros adiante por quebra de poder do espanhol, que na recta final é obrigado ainda a defender-se do ataque de Rojo.

Bastos venceu à vontade, com extraordinário poder final, e é de lamentar que não diligencie ainda esta época melhorar um «record» que está sem dúvida ao seu alcance.

Lançamento do peso: 1.^o José Torres (E.), 13,025 m.; 2.^o Pinto Bastos (P.), 12,84 m.; 3.^o Emídio Ruivo (P.), 12,42 m.; 4.^o Adarraga (E.), 12,07 m.

Pinto Bastos voltou a dar prova da sua muita habilidade; é muito novo e por isso lhe falta ainda poder, mas tem largo caminho a percorrer. Deve corrigir o trabalho final da perna direita, que não empurra, e a tendência para um saltito no momento da projecção e que aparece nalguns ensaios. Ruivo, como habitualmente, apressado e desinteressado.

A vitória de Torres está certa; é mais poderoso e tem a coordenação do exercício melhor estudada e mais certa.

100 metros: 1.^o Tomás Paquete (P.), 11 s.; 2.^o Ceballos (E.), 11,4 s.; 3.^o Núncio (P.) 11,5 s.; 4.^o Gutierrez (E.), 11,6 s.

Paquete dominou desde o princípio e chegou destacado, dentro do que lhe é normal, mas Núncio foi um sombra de si próprio, permitindo que seja feito mau juízo sobre a seriedade com que enfrentou o seu dever de campeão, ante as responsabilidades de uma representação nacional. Lamentemos e adiante.

Ceballos tem uma partida fulgurante, à qual não corresponde o andamento posterior.

Triplo-salto: 1.^o Luis Alcide (P.), 14,50 m., novo «record» nacional e ibérico; 2.^o João Vieira (P.), 14,10 m., batendo também o antigo «record» ibérico; 3.^o Pons (E.), 13,225 m.; 4.^o Torres (E.), 13,10 m.

Os espanhóis concorreram sem especialistas, mas, de qualquer forma, o resultado seria o mesmo; ambos os portugueses alcançaram distância muito além das possibilidades dos melhores homens da nação irmã.

Luis Alcide atingiu primeiro 14,27 m. e depois 14,50 m., mercê de um primeiro pulo excelente, com efficacíssimo golpe de tesoura, executado com as pernas em extensão, e ainda pelo bom equipamento final. Um encanto!

João Vieira, que conseguiu sucessivamente 13,94 m., 13,86 m., 14,10 m. e 13,93 m., afirmou enormes progressos, mas falta-lhe ainda poder para se lançar à frente no salto final, nunca conseguindo tocar a areia com os joelhos estendidos e pés à frente.

Temos, nesta prova, uma parêntese de representantes com classe europeia.

1.000 metros: 1.^o João Silva (P.), 32 m. 39,4 s.; 2.^o Afonso Marques (P.), 32 m. 40,2 s.; 3.^o Bernabeu (E.), 33 m. 46,4 s.; 4.^o Cassart, a três voltas.

Cassart, que pela primeira vez corria a distância, descolou aos

No Estádio Náutico de ALGÉS

(Continuação da página 7)

livre indirecto, logo rematado. António Soares apitou de novo, para corrigir a marcação, mas a bola, precisamente nesse momento, entrou nas rédes.

Houve aplausos vibrantes e manifestação de gozozio. O apito do árbitro foi ouvido como se assinalasse o «goal» — quando devia ser para emendar, digamos, o erro da marcação. Nesta confusa coincidência, um director da Federação espanhola ordenou que os seus nadadores abandonassem a piscina.

Terminou assim, inesperadamente, uma bela jornada de natação entre as selecções de Portugal e Espanha.

No domingo anunciou-se oficialmente a resolução de atribuir a vitória à equipa castelhana, pelo que a pontuação passou para 26-23, a favor de Espanha.

O programa internacional foi intercalado de provas complementares, que despertaram interesse, desde os 33 metros livres, disputados por senhoras, com mais uma boa vitória de Ana Linheiro, aos saltos de 10 metros do dr. Manuel Martins, impecáveis e justamente aplaudidos.

FERNANDO SÁ

2.500 m. e a Bernabeu sucedeu o mesmo aos sete quilómetros. Os dois camaradas portugueses seguiram de conserva até à meta, sendo desta vez menor o avanço conseguido por Silva nos cem metros finais. É admirável o excelente espirito de colaboração que se mantém entre os dois corredores, apesar da sua rivalidade.

Lançamento do martelo: 1.^o Manuel Silva (P.), 48,41 m., novo «record» nacional e ibérico; 2.^o Herculano Mendes (P.), 37,98 m.; 3.^o Mora (E.), 37,59 m.; 4.^o Climent (E.), 35,48 m.

O lançamento vitorioso de Manuel da Silva foi imponente — justíssimo prémio da sua assiduidade e dedicação pela modalidade. Pode e deve progredir muito, porque muito tem ainda a corrigir no seu estilo, mas verifique no entanto acentuada melhoria no equilíbrio durante as voltas.

Herculano, convalescente, ficou nação do seu valor actual.

É curioso registar que Climent, agora lançador pesado, tomou parte há vinte anos no 1.^o Portugal-Espanha, como ligeiro corredor de 100 metros.

Classificação final: Portugal 112 pontos e 14 vitórias.

Espanha, 71 pontos e 5 vitórias.

Ano III — II Série — N.º 146
Lisboa, 19 de Setembro de 1945

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração:
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.^o

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO CENSURA

Stadium

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



HOCKEY EM PATINS: 1 — As equipas que disputaram o último encontro Norte-Sul, efectuado no Porto e ganho pelos nortenhos por 6-5; 2 — Uma fase do encontro ao ser marcado um dos pontos da equipa do Sul. **CICLISMO** — Campeonatos nacionais de Velocidade, disputados na capital do Norte: 3, 4 e 5 — Joaquim Mendes (Lisga), Manuel Correia (Salgueiros) e João Moreira (F. C. do Porto), respectivamente campeões nacionais nas categorias de amadores seniores, amadores júniores e independentes. Na «4.ª Rampa do Vale de Santo António»: 6 — Jorge Pereira (Iluminante), vencedor em independentes; 7 — João Nunes (Iluminante), que triunfou em amadores; 8 — Amândio Dinis (Lisgás) vencedor em iniciados.



NATAÇÃO — Campeonatos corporativos: 9 — A equipa da casa H. Vaultier, vencedora dos 5x66, estilos (1.ª categoria); da esquerda para a direita, Fernando Saesduza, Mita Gomes e B-esone Basto J.º, que triunfaram também nos 100 m. bruços, 100 m. costas e 100 m. livres, respectivamente; 10 — A equipa da mesma casa que conquistou a vitória nos 6x33 m. livres; 11 — H. Reis J.º (Vaultier), A. Ramos (F.N.A.T.) e M. Matoso (F.N.I.M.), respectivamente 1.º, 2.º e 3.º nos 66 m. bruços (2.ª categoria).



**GIL
OCULISTA**
FUNDADA EM 1868
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Básculas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22829 LISBOA